

O BRASIL SE VICIOU NO COLONIALISMO: ENTREVISTA COM O CANTOR GERALDO AZEVEDO¹

João de Deus Barros²

O artista pernambucano alerta para o perigo da desvalorização da cultura brasileira e diz que a mídia tem atitudes colonialistas.

1. Olhando sua discografia, percebe-se que os anos 80 é quando você mais gravou discos, cerca de 9 solo ou não. Em que os anos 80 se diferenciam das demais décadas em sua produção?

Geraldo Azevedo (GA): Olha, realmente foi o começo de tudo. Na verdade, eu comecei na década de 60, como músico. Na década de 70, eu já virei um compositor, já tinha um trabalho, já estava criando um trabalho mais. Foi (a época) de minha parceria com Alceu Valença e com Maurício de Andrade, que a gente começou a fazer um trabalho juntos e com Carlos Fernando que foi o meu primeiro parceiro, assim um dos parceiros mais importantes. Eu acho que a gente estava com todo gás da juventude, de querer se afirmar, de querer... E além do mais era um processo que a gente vivia de a

1 Entrevista realizada no dia 27 de março de 2016, no Teatro do SESC Belenzinho, São Paulo, por ocasião do show em Homenagem aos seus 40 anos de carreira
2 Professor da Universidade Federal do Maranhão.

gente ter vindo de uma década de 70 que tinha sido uma década muito difícil em termos culturais, porque a gente vivia uma ditadura muito rígida e a gente vivia numa ditadura, eu fui preso duas vezes. Em 80 eu deslanchei mais, eu acho que por causa disso, como eu falei, acho que essa Juventude e a busca de querer se afirmar já estava me convencendo de que eu realmente era um artista. Na década de 80, eu me convenci de que era um artista, porque até então eu era um aventureiro. Um aventureiro não, mas no sentido assim de que eu sempre fui um amante da música, mas nunca tinha almejado ou planejado ter uma carreira artística. As coisas foram acontecendo. Na década de 80, solidificou no sentido mais profissional, assim. Eu acredito que a partir daí a gente se convenceu, tanto eu quanto Carlos Fernando, que foi meu parceiro mais importante, como Alceu Valença que a gente viveu muito juntos. O primeiro disco foi com Alceu em 1972, disco esse que no começo ficou um pouco relegado porque a gente... eu mesmo não me sentia preparado. Depois eu gravei em 1976. Foi meu primeiro disco (solo) em 1976, que foi um disco que eu fiz na Som Livre.

2. Então, mesmo você tendo gravado dois discos na década de 70, um com Alceu e outro solo, apenas na década de 80 você vai tomar consciência de que se tornou um artista.

GA: Na verdade eu acho que eu tomei muito consciência foi na segunda prisão, quando eu fiquei preso. Primeiro morreu uma pessoa do meu lado sendo torturada. Foi muito torturado. E aí. Foi aí que eu comecei a fazer uma reflexão sobre a minha vida. Ainda sonhava fazer faculdade (de Arquitetura), mas nunca nem entrei na faculdade. Cheguei a ser um projetista, mas tudo por instinto, com naturalidade porque eu tenho muita intuição como desenhista, com a Matemática, assim. Tenho muito amor pela Matemática, pelo desenho. Até hoje eu vivo no maior conflito, eu achava que eu poderia ter sido um artista plástico, também.

3. Seu primeiro disco é com Alceu Valença. E existem outras parcerias, como os shows Cantoria 1 e 2 com Zé Ramalho, os 3 Grande Encontros, etc. Do ponto de vista estético e político, o que muda com relação a um trabalho solo?

GA: Vou falar dessa época. Eu fiz meu primeiro disco na Som Livre (em 1976), que foi um disco marcante porque teve a participação de todo mundo junto. Elba entrou no meu disco como vocalista, Alceu, Amelinha, todo mundo fazia vocal no meu disco, esse primeiro disco que eu fiz na Som Livre. Logo depois a gente veio e se agrupou. Zé Ramalho, Amelinha, essa turma toda, os nordestinos. Eu acho que foi a época da ascensão dos nordestinos. Eu sempre coloco isso como se fosse um movimento que existiu na música brasileira. Pelo fato de não ter sido rótulo, assim como a Bossa Nova, como o Tropicalismo, eu acho que não tem essa notoriedade como movimento, mas para mim é um dos movimentos mais fortes que houve na música brasileira foi a ascensão dos nordestinos. Essa leva que teve eu, Alceu, Fagner, Belchior, Amelinha, Zé Ramalho, Elba Ramalho. Eu acho que isso aí foi um movimento espontâneo. Não teve um título nem um rótulo feito Bossa Nova, feito Tropicalismo, mas ao mesmo tempo foi um movimento marcante que mudou o rumo da música brasileira, deu uma dimensão nova à música brasileira, principalmente trazendo o Nordeste, nacionalizando o Nordeste de uma maneira com muito mais riqueza, sem o preconceito que existia com o forró, com Luís Gonzaga, Jackson do Pandeiro. E se dando uma dimensão mais da MPB. Embora hoje em dia a mídia considere a gente sempre artista regional. Mas o trabalho da gente é um trabalho muito mais nacional, muito mais abrangente da MPB. É porque no Brasil a gente é considerado pelo Sul como música regional. Lá no Nordeste a gente é considerado música da MPB. E quando é fora do Brasil, a gente é chamado de *world music*, pelo menos o meu trabalho. Aí nessa época a gente se juntou e terminou fazendo o disco de Elba Ramalho, eu produzi o

disco da Elba Ramalho. O Zé produziu o disco de Amelinha, aquele disco “Frevo Mulher” que foi um disco marcante também. E a partir daí os discos de Zé Ramalho. Eu cheguei a participar de todos tocando, pelo menos os da década de 80, tocava em todos os discos de Zé Ramalho. E vice-versa. Ele também tocando em meus discos. “Bicho de 7 cabeças” ele está lá presente. Sempre assim, essa troca de energia que a gente viveu. Então quer dizer, aí teve também esse outro movimento que foi o fato de eu estar fazendo show sozinho. Voz e Violão. Porque eu sempre tive essa coisa de fazer voz e violão. E depois encontrar Vital, Xangai, terminou fazendo esse movimento também chamado Cantoria. Quase que eu falo ontem (no show). Eu estive semana passada com Elomar e a gente está pensando em retomar o Cantoria em algumas apresentações. Nós já estamos cientes.

4. Vi no seu show ontem a preocupação com a água. São Paulo teve seca. O que você diria para os jovens sobre a água hoje?

GA: Olha, isso aí é uma questão minha que eu tenho falado. Desde a década de 90 que eu venho falando da água. Isso antes de todo mundo, de ter essas secas assim. Porque eu nasci no rio São Francisco e quando foi na década de 90 que comecei a fazer shows pelo Nordeste, de volta e passei por algumas cidades do rio São Francisco eu fiquei chocado. Na década de 90. O rio São Francisco... Cheguei em Penedo, as pessoas atravessavam o rio andando em lugares em que passavam embarcações... A gente não pode radicalizar feito o Tietê, mas o fato é que a humanidade começou a destruir as nossas fontes de água potável e comecei a estudar que em muitos países está faltando água. E que algumas guerras da África ganhava quem tomava as águas. Eu comecei a ver que a água é um elemento de muito poder, porque sem a água ninguém vive, e não dá pra colher, não dá pra plantar. Então na África eu já tinha visto isso, que muitas guerras foram ganhas lá pelas tribos quando eles tomavam

os centros onde tinha água, entendeu, as beiras de rio. Quem alcançasse o rio, ganhava a guerra. E outra coisa é que na Ásia, ali na Ásia, na Índia, na China já têm vários lugares que não tem água de jeito nenhum. Já têm que importar água. A dificuldade de água é muito grande. Então isso cada vez mais foi aumentando. E como eu vi a Coca-Cola e a Nestlé, o governo de São Paulo e o governo de Minas Gerais começaram a vender fontes para a Coca Cola e pra Nestlé, você sabe disso. Tem algumas fontes brasileiras que já não são mais do Brasil. E tem lugares do Amazonas em que você tem até que usar passaporte pra chegar lá. É um negócio sério. Existe uma invasão muito grande e o Brasil é um país que tem tudo o que o mundo precisa. Então, quer dizer, se você não cuidar das águas e das suas florestas, alguém vai tomar conta.

5. A casa brasileira, do meu ponto de vista, é uma de suas músicas mais fortes no sentido do que seria uma brasilidade híbrida, mestiça. Coloquei-a como epígrafe do capítulo final de minha tese de doutorado sobre Gilberto Freyre e um imaginário da brasilidade. O que você teria a dizer sobre o Brasil e o sentimento de brasilidade?

GA: Olha, eu acho o seguinte. O Brasil é um país que tem que orgulhar quem nasce no Brasil. Mas o fato é que é um país que se rende demais, que se viciou no colonialismo. Quando deixou de ser dos portugueses, passou a ser dos americanos. Então isso é uma coisa que a gente cada vez mais tem que criar uma autonomia e que a gente não vê dentro dos parâmetros políticos um processo para isso. É preciso que nós, artistas, tomemos essa consciência, porque eu acho que a arte, aliás, toda cultura é uma atitude política também. Embora cultura e política sejam coisas diferentes, mas, na medida em que você faz uma cultura com consciência, ela termina sendo uma atitude política. Eu acho que o Brasil, eu tinha falado isso antes, tem tudo o que o mundo precisa. E a gente tem que cada

vez mais valorizar essa nossa cultura. Mas hoje em dia a mídia se rende a atitudes colonialistas. O Brasil se viciou no colonialismo desde o tempo de Portugal e agora fica querendo passar pra outras atitudes. Depois foi para a Europa de um modo geral. Depois agora América do Norte como se fosse a dominação do mundo. Mas eu acho que o Brasil tem tudo para ter sua própria autonomia, eu acho que isso é uma coisa que só os artistas que têm essa sensibilidade...

6. O Nordeste é o que para o Brasil, nesse sentido?

GA: Olha, já teve até a questão de se querer dividir o Brasil, por exemplo (risos). Já tem até uma música que o Bráulio Tavares fez: “Quando o Brasil for dividido”, que a Elba gravou. Existe realmente um tipo de cultura bem diferente. O Nordeste assimilou muito essa coisa da mistura, a mistura dos colonizadores: Portugal, Europa, mas também valorizou muita coisa do índio e valorizou também muito a influência africana. O Brasil tem essa formação. Não adianta não querer perceber que não tem. Embora seja o índio o dono do Brasil, é o mais discriminado de todos. É uma coisa muito ridícula a história do índio. Aliás, não é só no Brasil não. Na América toda. Tanto na América do Norte quanto na América do Sul, os donos da terra oram os mais dizimados. Mas, no entanto, eu acho que o Nordeste teria essa grandeza de assimilar e trazer para si mesmo, para sua própria cultura, essa miscigenação histórica. É tanto que no Nordeste tem influência do índio, do afro, do europeu e do árabe, entendeu? Eu digo das índias. A coisa árabe. Tem uma coisa que mistura tudo. Quando você vê a viola nordestina, tem uma coisa árabe. (*O Bumba meu boi do Maranhão tem aqueles tambores que lembram também*). É uma coisa que o Nordeste foi quem mais criou uma diversidade musical mais ampla. Você pode ver, quando mais chega mais pro sul, parece que a música se fecha. Aqui em São Paulo o que representa, a música que representa São Paulo. É o samba. Não, o samba é do Rio. Então não tem. Aí você vai

lá pra baixo, é claro que temos os fandangos lá do Rio Grande do Sul. Mas quando você vai no Nordeste, vixe, é uma diversidade muito grande: maracatu, frevo, baião, xaxado, bumba-meu-boi, nau catarineta, violeiros, etc. Então quer dizer, essa diversidade do Nordeste não tem quem tire, é uma riqueza muito grande, entendeu? Então quer dizer, é um povo que soube assimilar as misturas. É verdade que sempre o nordestino é bem acolhedor. São pessoas muito mais abertas pra qualquer cultura que se chegue. É um pouco perigoso, mas ao mesmo tempo é muito bonito, porque é muito amplo e acolhedor, não só acolhedor.

7. Você já passou por todas as estéticas musicais, do rock nos primeiros programas de rádio em Petrolina, bossa nova. Já foi diretor musical de peças, fez música para cinema e novela (Caravana). Mas se percebe uma fidelidade sonora e mesmo de temas. Você elegeria um tema central em sua obra, uma espécie de imagem-mãe que toca toda sua produção musical?

GA: Olha, eu sempre digo assim. O que me inspira mesmo no trabalho, o que me liga ao trabalho, a primeira coisa é o amor. O amor, a relação da vida com a vida. Mas a natureza de um modo geral. Eu fui criado... eu conheci a natureza de pé no chão, tomando banho de rio, sem luz elétrica, sem motor. A minha relação com a natureza foi muito viva. Eu tenho uma infância invejável assim, porque eu tenho muita memória boa da minha infância. Embora eu não tenha sido rico, nem nada, - era pobre, mas ao mesmo tempo era muito rico em ter a pureza. Lá em casa era uma escola. Nasci mesmo na escola, numa escola de alfabetização. Eu me alfabetizei nessa escola e ajudei a alfabetizar um bocado de gente depois que fui crescendo, até treze anos de idade. Saí de lá com treze anos pra ir pra cidade pra estudar o ginásio. Fiquei na casa de uma tia minha lá em Petrolina. Porque o lugar em que eu nasci chamava Jatobá, em-

bora pertencesse a Petrolina, mas era roça. Hoje, Petrolina cresceu muito e já alcançou o lugar em que eu nasci e já virou bairro. Tem até uma homenagem que me fizeram lá que as ruas desse bairro têm os nomes das minhas músicas. Tem o Dia Branco, tem a Praça de Sete Cabeças, tem até uma avenida chamada Geraldo Azevedo. Tem uma Avenida Caravana, tem a Avenida Caravelas, naquela região toda em que eu nasci em que minha mãe, vamos dizer assim, foi a mentora cultural daquela região. Então ali meu pai tocava um pouquinho de violão, eu fiz um violão para mim. Eu tinha uns tios também que tocavam. De vez em quando, lá em casa, tinham uns saraus. Minha mãe fazia na escola dela todo ano. Quando terminava o semestre, ela ensaiava os alunos para fazer ou uma peça teatral...

8. Você fez animação cultural no Bar Aroeira, em Recife, nos anos 60 e levou para a cena urbana bandas de pífanos, cirandeiras, etc. Gilberto Freyre usava o termo “rurbano”, para dizer que é impossível separar o rural do urbano na nossa cultura, mesmo nos grandes centros urbanos do Brasil, como SP e RJ, por exemplo. Como você vê a cultura popular hoje nos grandes e mesmo pequenos centros urbanos do país?

GA: Era um programa que eu tinha, bicho. Quando eu cheguei em Recife, que eu fui estudar lá, eu me liguei aos grupos musicais que tinham. Naquele tempo era todo mundo meio amador. Era Naná Vasconcellos, Teca Calazans, Marcelo Melo que era do Quinteto Violado. Terminei me juntando a essas pessoas e terminei sendo uma pessoa solicitada. Depois formei meu próprio grupo, chamado grupo Raiz, que também fui convidado para fazer um programa de televisão. Nesse programa de televisão, eu levava bandas de pífano, cirandeiros, essas coisas todas que existiam como grupos folclóricos da região que tinha ali e algumas pessoas também que estavam começando a aparecer também. Eu me uni a essas pessoas e nessa

época que Eliana Pitman me conheceu e acabou me trazendo pro Rio de Janeiro. A televisão massacrou (a cultura popular). A casa brasileira traduz um pouco isso, “a televisão, essa lareira, queimando a raiz que existe em mim”. Então, ainda existem manifestações culturais, como as cirandas, caboclinhos, as naus catarinetas, mas cada vez mais estão se perdendo por causa do poder da mídia e da valorização de uma coisa, de uma cultura que está sendo misturada com as coisas que vêm e sendo supervalorizadas pela mídia, coisas até trazendo elementos negativos para o povo brasileiro, que vão desvalorizando a poesia, essas coisas todas. Então o cenário brasileiro é mais difícil nesse sentido de a gente resguardar nossa cultura tradicional.

9. Você começou a tornar-se conhecido no Brasil em 1967, acompanhando Eliana Pitman. Fundou o Quarteto Livre com grandes artistas como Nana Vasconcelos e também acompanhou Geraldo Vandré, tendo a experiência do exílio e da tortura nos anos 60 e 70, respectivamente. Qual o grande legado do convívio com Eliana, refiro-me ao fato de ela ser mulher e ter uma sensibilidade especial e em plena ditadura? E com Geraldo Vandré?

GA: Eu vim com a Eliana (para o Rio de Janeiro) sempre trabalhando com ela quase ano. Eu trabalhava com Eliana; embora ela cantasse música brasileira, ela tinha um lado americano e, como era época de ditadura, eu tinha um pé lá e um pé cá. Porque não era uma coisa que me afirmava muito. Eu sonhava fazer uma coisa muito mais ligada à cultura brasileira total. E terminou com essa proposta de Vandré e eu formei o Quarteto Livre com Naná Vasconcellos, com Franklyn na flauta e Nelson Anjo acompanhando Geraldo Vandré por pouco tempo, porque logo depois veio o AI-5 e destruiu tudo.

10. A questão da tortura. Você tocou para os torturadores. A arte vence o terror?

GA: Acho que vence. Rapaz, você não acredita, não. Nessa primeira prisão, eu fiquei 20 dias na solitária e fui interrogado umas quatro ou cinco vezes com violência. E sempre dizendo, “olha não tenho nada com isso que vocês estão querendo me colocar, eu sou músico”, até que o cara chegou um dia e disse: “dá um violão para esse cara tocar”. Quando eu toquei violão, o cara ficou totalmente rendido, sensibilizado. Chamou os outros torturadores. Daqui a pouco a sala de tortura virou quase um lugar de show. E nunca mais eles me torturaram.

11. Com relação ao projeto Kalunga, com Chico Buarque, na África, e o sentimento de Brasilidade, qual herança sensível e estética ficou?

GA: Eu sempre me liguei nessa coisa africana. Olha, desde o meu primeiro disco, aquele disco que eu gravei na Som Livre. Tive essa experiência de conviver com a música africana, me encantar com a música africana, com o ritmo. É tanto que tem até um pessoal querendo fazer um filme comigo sobre a minha polirritmia. Ligada a essas coisas da influência africana. É tanto que eu cantei música africana na África. Música africana na África. Depois eu conheci os autores das músicas que eu cantava, que eu não sabia nem como. Mas foi muito importante. Mas hoje a gente vê que a África se rende ao Brasil. Estou falando a África, mas, pelo menos, Angola.

MINICURRÍCULO

Possui graduação em Letras Vernáculas - Licenciatura pela Universidade de São Paulo (1984), graduação em Administração Pública pela Fundação Getulio Vargas - SP (1982), graduação em Letras Vernáculas - Bacharelado Universidade de São Paulo (1984), mestrado em Educação pela Universidade de São Paulo (1991) e doutorado em Educação pela Universidade de São Paulo (1996). Atualmente é professor titular da Universidade Federal do Maranhão. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Administração de Sistemas Educacionais, atuando principalmente nos seguintes temas: educação, imaginário, arte, cultura, Gilberto Freyre.